

Presidência da República
Arquivo Nacional

ACERVO

REVISTA DO ARQUIVO NACIONAL

RIO DE JANEIRO, v. 23, NÚMERO 1, JANEIRO/JUNHO 2010

© 2010 by Arquivo Nacional
Praça da República, 173
CEP 20211-350 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro-Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Interino

Carlos Eduardo Esteves Lima

Secretário-Executivo da Casa Civil da Presidência da República

Carlos Eduardo Esteves Lima

Diretor-Geral do Arquivo Nacional

Jaime Antunes da Silva

Coordenadora-Geral de Acesso e Difusão Documental

Maria Aparecida Silveira Torres

Coordenadora de Pesquisa e Difusão do Acervo

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Editoras

Maria do Carmo Teixeira Rainho e Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Conselho Editorial

Jaime Antunes da Silva, Presidente; Alba Gisele Guimarães Gouget; Carmen Tereza Coelho Moreno, Domicia Gomes Borges; Maria do Carmo Teixeira Rainho; Maria Elizabeth Brêa Monteiro; Pablo Endrigo Franco; Maria Izabel de Oliveira; Sátiro Ferreira Nunes

Conselho Consultivo

Ana Maria Camargo, Angela Maria de Castro Gomes, Boris Kossoy, Célia Maria Costa, Elizabeth Carvalho, Francisco Falcon, Helena Ferrez, Helena Corrêa Machado, Heloísa Liberalli Belotto, Ilmar Rohloff, Jaime Spinelli, Joaquim Marçal, José Carlos Avelar, José Sebastião Witter, Léa de Aquino, Lena Vânia Pinheiro, Margarida de Souza Neves, Maria Inez Turazzi, Marilena Leite Paes, Regina Maria Wanderley e Solange Zúñiga

Tradução e Pesquisa de Imagens

Renata William Santos do Vale

Preparação de Originais e Revisão

Mariana Simões, José Claudio Mattar, Alba Gisele Gouget

Projeto Gráfico

André Villas-Boas

Editoração Eletrônica e Ilustração

Judith Vieira

Capa

Alzira Reis

Digitalização de Imagens

Flávio Ferreira Lopes

Acervo: revista do Arquivo Nacional. —
v. 23 n. 1 (jan./jun. 2010). — Rio de Janeiro:
Arquivo Nacional, 2010.
26 cm
Semestral
Cada número possui um tema distinto
ISSN 0102-700-X
1. França e Brasil: história, ideias e olhares -
I. Arquivo Nacional

CDD 981

S U M Á R I O

Apresentação

9

Representações Letradas dos Tupinambá e da Língua Tupi
em Obras Francesas dos séculos XVI e XVII

Andréa Daher

31

Entre o Reformador e o Bem-Amado

Fabiano Vilaça dos Santos

45

A Viagem do Oriental-Hydrographe (1839-1840)
e a Introdução da Daguerreotipia no Brasil

Maria Inez Turazzi

63

Palavras Além das Letras

Apontamentos sobre imprensa e oralidade na primeira metade do século XIX

Marco Morel

81

A França e o Arquivo Nacional do Brasil

Silvia Ninita de Moura Estevão

Vitor Manoel Marques da Fonseca

109

Do Império à República

Família Ferrez, uma dinastia a serviço da cultura brasileira

Pedro Afonso Vasquez

119

O Clique Francês do Brasil
A fotografia de Marcel Gautherot
Lygia Segala

133

Marcel Camus ou o Triste Prévert dos Trópicos
Tunico Amancio

147

Barthes e Bourdieu
Os maîtres à penser e a moda
Maria do Carmo Teixeira Rainho

165

Perfil Institucional
Escritório do Livro e de Mediatecas da Embaixada da França no Brasil
Jérémie Desjardins

169

Resenha
Imigração Francesa no Brasil
Cultura, ideias e trabalho nos séculos XIX e XX
Nívia Pombo

175

Resenha
Um Engenheiro Francês no Brasil
(Re)descobrimo Louis-Léger Vauthier
Izabel Andrade Marson

181

Bibliografia

A P R E S E N T A Ç Ã O

Assíduos visitantes da costa brasileira, os franceses estiveram presentes em diferentes partes do território colonial português durante todo o século XVI e parte do XVII. Documentados desde, pelo menos, 1503, com a expedição de Paulmier de Gonneville ao sul do Brasil, os intentos de fixação de núcleos franceses em vários pontos do litoral são frequentes. Esses núcleos de povoamento, mais complexos e estáveis com a vinda de colonos, comerciantes, militares e administradores, eram precedidos e sucedidos pela presença de intérpretes – os *truchements* – que viviam com os índios e como índios, e consolidaram, assim, suas alianças. Um dos mais conhecidos e significativos projetos de estabelecimento francês no Brasil deu-se com a França Antártica, que, entre 1554 e o fim da década, se organizou na baía de Guanabara sob o comando de Nicolas Durand de Villegaignon. Entre os vários membros conhecidos dessa colônia, registram-se o frade franciscano André Thevet, o pastor calvinista Jean de Léry, cartógrafos como Le Testu e o piloto Nicolas Barré. Todos deixaram

registros de suas experiências no Brasil. Este número da *Acervo* reúne artigos e resenhas que mostram aspectos dessa longa história que une França e Brasil.

Andréa Daher centra-se nas representações seiscentistas do índio americano que expressam o espanto europeu na América tropical. Muitos cronistas se dedicaram a decifrar a indianidade contraditória, una, nos seus modos, e múltipla nas mil línguas que falava. Aparentemente desordenada, sem lei, nem rei, mas de vida organizada e tão solidária dentro de cada comunidade como jamais se vira.

O calvinista Jean de Léry e o frade André Thevet, sobretudo o primeiro, nos dão descrições admiráveis da forma de organização da sociedade e da família indígena, bem como de sua bravura e noção de honra. Falam também das crenças desses povos em seres míticos, aos quais se reportam para explicar por que o mundo é tal qual é, e de suas práticas mágicas e religiosas de tratamento do sobrenatural e de controle do incontrolável. A rivalida-

de entre Thevet e Léry não se restringe à disputa entre dois cronistas que veem o mundo novo com olhares diferentes. Trata-se, como revela Daher, de uma questão mais profunda, que tem origem na diferença entre as concepções católica e calvinista acerca das novas terras e dos seus habitantes.

A região amazônica também presenciou a ocupação francesa, testemunhada nos livros dos frades capuchinhos Yves d'Evreux e Claude d'Abbeville, que se devotaram ao entendimento dos modos de ser, de fazer e de pensar dos índios. O Maranhão abrigou um projeto de colonização, chamado França Equinocial, idealizado por Daniel de la Touche, com o fim de consolidar o domínio francês no norte do país por meio da fundação de uma colônia e do forte São Luís. A região foi também palco para uma sedição tramada em Belém em meados do século XVIII e descrita por Fabiano Vilaça em seu texto "Entre o Reformador e o Bem-Amado". As leis de liberdade dos índios, configuradas no Diretório dos Índios (1757), serviram de motivação para um plano de troca de soberania, para o qual foi requisitada a intervenção do governador de Caiena, colônia francesa com a qual os domínios portugueses mantinham comércio clandestino.

Outras formas da presença e do interesse franceses estão representadas neste fascículo. Marco Morel aborda a oralidade e a imprensa periódica do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, como formas de circulação e transmissão de ideias, assinalando o papel de agentes

intermediários franceses. Seu artigo traça, de início, um panorama da historiografia francesa e brasileira sobre o tema, com base nos estudos de Roger Chartier, Pierre Bourdieu, Arlette Farge, Nelson Werneck Sodré, Arnaldo Contier e Lúcia Bastos Pereira das Neves, entre outros autores, para, em seguida, analisar questões relativas à oralidade em relatos de agentes diplomáticos franceses e em periódicos cariocas nos anos 1820-30, como *Astréa*, *A Marmota* e *Aurora Fluminense*.

Ainda no campo das ideias do século XIX, a França teve um importante papel na criação e constituição do Arquivo Público do Império. Silvia Ninita Estevão e Vitor Fonseca destacam os aspectos e as contribuições francesas para a história da disciplina e da técnica arquivística, e a inspiração que o Arquivo Nacional da França exerceu sobre a configuração e estruturação do atual Arquivo Nacional do Brasil.

Desde o seu surgimento, a fotografia e o cinema têm sido elementos de intercâmbio importantes para as relações franco-brasileiras. Maria Inez Turazzi traz a público um documento inédito, localizado nos arquivos franceses, sobre a viagem do navio-escola *Oriental-Hydrographe*, da marinha mercante da França, que chega ao Rio de Janeiro, em 1839, com a primeira câmara de daguerreotipia. A autora contextualiza os preparativos da expedição e sua importância para as relações entre França e Brasil.

Pedro Vasquez aborda a trajetória de quatro gerações da família Ferrez no Brasil, a

partir do século XIX, com a chegada dos irmãos Zéphérin e Marc, escultores que vieram com a Missão Artística. Conforme Vasquez, no que se refere à fotografia, a família Ferrez se notabilizou não apenas por uma extensa e rica produção, mas também por seu pioneirismo, sobretudo na segunda metade do oitocentos, quando Marc, filho de Zéphérin, introduziu importantes inovações técnicas, como o uso do *flash* de magnésio, além de conceber, ele próprio, equipamentos especiais para a prática fotográfica. As duas gerações seguintes – representadas por Luciano e Júlio, e pelo filho deste, Gilberto – também se destacaram por uma fotografia de nível técnico elevado que se dá a ver, por exemplo, na cobertura das mudanças operadas no espaço urbano do Rio de Janeiro ao longo do século XX. Pedro Vasquez encerra o texto chamando a atenção para a consciência de uma missão educativa dos Ferrez, consubstanciada na doação ao Arquivo Nacional, em 2008, de parcela considerável da documentação iconográfica produzida e cuidadosamente preservada pelos membros da família ao longo de mais de um século e meio.

Lygia Segala enfoca a obra de Marcel Gautherot nas décadas de 1940-60, período em que o fotógrafo empreendeu inúmeras viagens pelo Brasil. A autora trata do “estilo documentário” de Gautherot, pautado por uma concepção estética apurada e por um olhar voltado para a arquitetura, graças, entre outros, ao seu interesse pelos ensaios de László Moholy-Nagy (1895-1946), professor da Bauhaus. Crítico do fotojornalismo sensacionalista, Gautherot

possuía como marca, segundo Segala, a experiência do deslocamento, definindo-se, antes de tudo, pelo seu desejo de viajar. Conforme a autora, atraído pelo espaço físico e social brasileiro, Gautherot explorou diferentes paisagens e tipos humanos do país, a arquitetura barroca, o trabalho e as festas populares, numa obra que acaba por interessar, sobretudo, àquelas que se dedicavam então à defesa do patrimônio histórico e artístico nacional. Representativas do trabalho do fotógrafo naquele período são as imagens produzidas para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), criado em 1937. Ao apresentar e representar o folclore brasileiro, por exemplo, Gautherot registrou imagens que se tornaram convenções visuais sobre o Brasil de meados do século XX, ao serem reproduzidas repetidamente em exposições e publicações.

O artigo de Tunico Amâncio é também dedicado às imagens, nesse caso ao cinema, em especial à obra do diretor Marcel Camus sobre o Brasil, que inclui o filme *Orfeu do carnaval*, ganhador da Palma de Ouro no Festival de Cannes, em 1959. Amâncio explora o fato de que *Orfeu* seria marcado por uma tomada de posse ou, em outras palavras, um desejo do diretor de tomar posse do imaginário brasileiro, criando um conjunto de imagens e sensações cinematográficas das mais duráveis sobre o país, que atravessa décadas e se sustenta até hoje. De maneira geral, interessa a Amâncio discutir como a abordagem de Camus – que para muitos críticos era folclórica, ingênua e alienada – acabou por construir uma imagem afetuosa do Brasil que vale

como testemunho de uma época e de um olhar estrangeiro.

As obras de Roland Barthes e de Pierre Bourdieu dedicadas à moda são o alvo do artigo de Maria do Carmo Teixeira Rainho. Nele, a autora explora o fato de que ambos produziram, nas décadas de 1960-70, textos relevantes para a discussão de temas como a arbitrariedade da moda, moda e distinção social e, até mesmo, as lutas concorrenciais travadas entre antigos e novos costureiros no momento em que a alta-costura era abalada pela emergência do *prêt-à-porter*. A partir da leitura de Barthes e Bourdieu, conforme a autora, fica a certeza de que a moda pode e deve ser um ótimo pretexto para se pensar a sociedade, relações de poder, diferenças de classe, sociabilidades e estilos de vida.

O perfil institucional deste número da *Acervo* enfoca o Escritório do Livro e de Mediatecas da Embaixada da França no Brasil. Jérémie Desjardins observa a trajetória de ambos os departamentos, a sua relevância na difusão da cultura francesa e as ações empreendidas no país, desta-

cando aquelas realizadas por ocasião do Ano da França no Brasil.

A revista finaliza com a publicação de duas resenhas. Nivia Pombo discute a obra *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*, organizada por Laurent Vidal e Tania Regina de Luca, e Izabel Andrade Marson apresenta o livro *Ponts et idées: Louis-Léger Vauthier, un ingénieur fouriériste au Brésil, Pernambouc (1840-1846...)*, de Claudia Poncioni. Nas duas obras resenhadas, assim como nos artigos publicados neste número – a despeito dos seus propósitos e abrangência –, observa-se a marca da presença francesa, presença que se revela, no Brasil, em manifestações artístico-culturais, na arquitetura, nas ideias políticas, na moda e no consumo, na educação, entre tantos outros aspectos. Mas, se a França foi modelo para o Brasil, o Brasil também atraiu a atenção dos franceses que construíram – em diferentes tempos e suportes – imagens do país que ainda hoje se dão a ver. Mirando essa longa e intensa relação, que motivou a publicação deste dossiê, temos aqui o entrecruzamento de diversos olhares, que convidamos todos a conhecer.

Maria do Carmo Teixeira Rainho
Maria Elizabeth Brêa Monteiro